

**BEM VIVER NO QUILOMBO MESQUITA:
O saber local e a preservação ambiental de uma comunidade
tradicional**



**BUEN VIVIR AT THE QUILOMBO MESQUITA:
Local knowledge in a quilombola remnants traditional community**

Danusa Benedita Lisboa

Universidade de Brasília (UnB), Distrito Federal, DF, Brasil.
(e-mail: dnslisboa10@gmail.com)

Liza Maria Souza de Andrade

Universidade de Brasília (UnB), Distrito Federal, DF, Brasil.
ORCID: 0000-0002-6624-4628
(e-mail: lizamsa@gmail.com)

*Mariane da Silva Paulino**

Universidade de Brasília (UnB), Distrito Federal, DF, Brasil.
ORCID: 0000-0003-1763-3093

*Autor correspondente (e-mail: marianepaulino@hotmail.com)

Resumo: No Brasil, a resistência dos povos africanos escravizados e seus descendentes formaram as chamadas comunidades remanescentes de quilombos, que são consideradas comunidades tradicionais por sua forma particular de organização social e características específicas de uso e ocupação do território e utilização dos seus recursos naturais. Com isso, este artigo busca o diálogo entre os processos sociais e culturais relacionados à identificação das comunidades quilombolas e o conceito do bem viver. Para tal, neste artigo será analisado o modo de vida e saberes locais da comunidade Quilombo Mesquita que fica na Cidade Ocidental – GO (Brasil). Portanto, este artigo tem como objetivo analisar os aspectos do Bem Viver na perspectiva das comunidades tradicionais de quilombo, analisando o processo comunitário de desenvolvimento e ocupação na comunidade do Quilombo Mesquita. No âmbito do Grupo de Pesquisa Periférico, trabalhos emergentes, foram realizadas entrevistas semiestruturadas e metodologia de observação participante e foram caracterizados e avaliados alguns aspectos desta comunidade como o uso da água, alimentação, ambiente, cultura, educação e moradia. E, através deste processo, busca-se compreender o Quilombo Mesquita como um território onde os seus saberes, modo de vida e luta pela reprodução cultural da negra e popular, podem ser avaliados como Tecnologia Social a fim de um desenvolvimento comunitário e social.

Palavras-chave: Comunidades Tradicionais. Bem Viver. Quilombo; Territorialidade. Saber Local.

Abstract: In Brazil, the resistance of enslaved African peoples and their descendants formed remnant communities of quilombos, which are considered traditional communities for their particular form of social organization and specific characteristics of use and occupation of the territory and use of its natural resources. Therefore, this article seeks a dialogue between social and cultural processes related to the identification of quilombola communities and the concept of good living. To this end, this article will analyze the way of life and local knowledge of the Quilombo Mesquita community located in Cidade Ocidental – GO (Brazil). Therefore, this article aims to analyze the aspects of Buen Vivir, the perspective of traditional quilombo communities, analyzing the community process of development and occupation in the Quilombo Mesquita community. Where, through semi-structured interviews and participant observation methodology, some aspects of this community such as water use, food, environment, culture, education and housing were characterized and evaluated. And, through this process, we seek to understand Quilombo Mesquita as a territory where their knowledge, way of life and struggle for the reproduction of black and popular culture can be evaluated as a Social Technology in order to foster community and social development.

Keywords: Traditional Communities. Buen Vivier. Quilombo. Territoriality. Local Knowledge.

1. Introdução

Este artigo trata do conceito de Bem Viver, do modo de vida considerando a escala comunitária na qual busca-se o equilíbrio entre os indivíduos nas relações não somente com o habitat e o meio em que vivem, mas também na inserção desses na sociedade e consequentes impactos e contribuições sociais.

O Bem Viver, enquanto vivência organizada a partir do coletivo, pode ser considerado um meio indispensável para a garantia de uma vida sustentável e íntegra para todos que compõem esse ecossistema comunitário, bem como pode ser correlacionado com aspectos da preservação e sustentabilidade ambiental, econômica e social. E partindo desta conceituação de Bem Viver, é possível relacionar esse modo de vida com a cosmovisão presente nas relações estruturadas nos quilombos brasileiros.

Os Quilombos no Brasil se organizam a partir deste princípio de coletividade, num contexto em que a resistência dos povos africanos escravizados e seus descendentes – que formaram as chamadas comunidades remanescentes de quilombos – possuem uma forma particular de organização social e características específicas de uso e ocupação do território e utilização dos seus recursos naturais. Ao observar o modo de vida e caracterização social destas comunidades, existe o diálogo entre os processos sociais e culturais relacionados à identificação das comunidades quilombolas e o conceito do bem viver anteriormente estabelecido.

Neste artigo busca-se analisar esta relação entre os saberes locais e as características do conceito de Bem Viver existente nestas comunidades, entendendo que o saber local e a vivência coletiva se relacionam com a universalização de direitos sociais, como o acesso à água, a soberania alimentar, ao ambiente saudável, à segurança social, ao direito e o acesso à terra. Como forma de observar e relacionar esses parâmetros do Bem Viver e modo de vida quilombola, serão objetos deste artigo a vivência e saberes locais na comunidade remanescente de quilombo denominada Quilombo Mesquita, que se localiza no município de Cidade Ocidental, no estado de Goiás (Brasil).

As origens do Quilombo Mesquita datam do século XIX, e o início do território se deu através da doação de terras para três escravizadas livres, após o declínio do período aurífero, pelo senhor José Jerônimo de Mesquita, um fazendeiro de origem portuguesa. Dessas três mulheres, descendem as famílias tronco do quilombo e a partir delas o povoado foi sendo constituído ao sul do que hoje é considerado Distrito Federal. Desde o início a comunidade se desenvolveu em torno da agricultura familiar e do cultivo do marmelo, ou seja, uma relação estreita com a terra que faz parte do processo de constituição e construção do saber desta comunidade. Contudo, a problemática existente com relação ao direito à terra ameaça a coletividade e modo de vida desta população que até os dias de hoje não possui a titulação definitiva de suas terras.

O Quilombo Mesquita obteve sua certificação como território remanescente em 2006, por

meio da Certidão expedida pela Fundação Cultural Palmares, do Ministério da Cultura, contudo, até a presente data, apesar da publicação em Diário Oficial da União do RTID ter sido em 2011, o processo de titulação ainda não foi finalizado. Em 2018, o Conselho Diretor do INCRA tentou reduzir o território para 80%, onde as 785 famílias remanescentes de quilombolas que ocupam menos de 20% do território delimitado inicialmente, passaram de 4,2 mil hectares para 761 hectares. No entanto, a resolução que permitiria a redução do território foi revogada após notificação feita pelo Ministério Público.

Esse exemplo nos faz refletir sobre os processos de titulação dos territórios quilombolas serem um dos maiores problemas enfrentados pelas populações quilombolas: o direito à terra. Através de muitas lutas e pressões populares as comunidades quilombolas conquistaram a partir da Constituição Federal de 1988, o direito de obter o registro oficial da propriedade coletiva do território onde desenvolvem seus saberes, cultura, atividades sustentáveis, ambientais e econômicas. Consideradas comunidades tradicionais, os quilombos são exemplos de territórios que transmitem a cultura negra e popular, sendo considerados, por seu histórico, locais de resistência.

Portanto, o processo de constituição das comunidades quilombolas, o histórico de resistência e lutas pelos direitos fazem parte do processo de preservação do seu modo de vida, das suas tradições e do seu saber local. A relação estreita e dependência coletiva do habitat corroboram com o equilíbrio necessário entre indivíduos, sociedade e meio ambiente. Identifica-se a sustentabilidade em diversos aspectos alinhada ao conceito de Bem Viver, como alternativas de desenvolvimento sustentável praticado por essas comunidades tradicionais, e, portanto, este modo de vida será analisado neste artigo para a compreensão do conceito de Bem Viver dentro da comunidade do Quilombo Mesquita.

Diante das questões supracitadas, este estudo traz uma reflexão sobre as estratégias de sustento, manutenção das práticas culturais, conceitos e perspectivas das famílias remanescentes de quilombos. Assim, busca-se a possibilidade de diálogo entre a perspectiva das famílias quilombolas na busca por melhores condições de vida e a luta por direitos como o acesso à terra integrados à ideia e ao conceito do Bem Viver.

É possível encontrar características do Bem Viver no território do Quilombo Mesquita, tais como a territorialidade, a ancestralidade, os processos sociais, a cultura, produção de alimentos, a culinária, formas de habitar em núcleos familiares e lugares de memória como os casarões existentes do século XVIII. De modo geral, serão analisados os saberes científicos e culturais da comunidade, demonstrando seus valores e interesses no saber e conhecer do Bem Viver.



Imagem 1: Quilombo Mesquita.

Para isso, este artigo tem como objetivo analisar os princípios e parâmetros do Bem Viver na perspectiva das comunidades tradicionais de quilombo, investigando o processo comunitário de desenvolvimento e ocupação do território do Quilombo Mesquita. Para que esses princípios e parâmetros sejam melhor compreendidos, ao longo deste trabalho será apresentado o conceito do Bem Viver e uma pesquisa etnográfica da construção da vivência coletiva nas comunidades quilombolas.

A pesquisa foi desenvolvida no âmbito do Grupo de Pesquisa e Extensão “Periférico, trabalhos emergentes”, registrado no CNPQ desde 2017, que vem atuando no território junto com a comunidade do Quilombo Mesquita desde esta época, tendo como trabalho inicial o TFG “Planejamento Afrorrural Quilombo Mesquita: escalas para a preservação territorial e identitária”, desenvolvido por Mariane Paulino. O objetivo foi estudar as questões pungentes relativas à regulamentação fundiária, infraestrutura, patrimônio e identidade cultural, com o auxílio e participação da comunidade, alinhando-se a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais, a partir de pesquisas realizadas junto ao INCRA e nos documentos existentes bem como do desenvolvimento de um inventário participativo de patrimônios culturais baseado na metodologia do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

Em 2018 desenvolveu o projeto de Extensão (Edital Programa de Extensão em Educação, Trabalho e Integração social – 2018-2019) “Em Solidariedade ao Quilombo Mesquita” do PEAC Periférico, no qual foi realizado um trabalho de educação patrimonial com a produção de material gráfico e cartilhas construídos em parceria com membros da comunidade e estudantes da UnB quilombolas que resultou no Calendário 2020. Neste calendário procurou-

-se divulgar os meios de vida, como se dão as festas, a cultura, a produção, a arquitetura, o saber local, o espaço de memória, a religião, a agricultura, as plantas medicinais, as receitas típicas, a luta pelo território e as fases da lua. Além de contribuir para o fortalecimento da identidade e territorialidade do povo quilombola e contribuir no processo de titulação e certificação do território quilombola e futuramente gerar insumos dos potenciais econômicos para as propostas futuras cooperativas e/ou incubadoras de desenvolvimento de tecnologias sociais e empreendedorismo

Em paralelo, a partir dos resultados da experiência do processo de assessoria técnica do Grupo de Pesquisa “Periférico, trabalhos emergentes” da Universidade de Brasília foi realizada uma parceria com a Nucleação da UNB-FAU da 3ª edição da Residência AU+E/UFBA com o desenvolvimento de dois trabalhos, um sobre projeto de espaço público e outro sobre lugares de memória do Quilombo Mesquita.

Esta pesquisa-ação está inserida no Projeto de Extensão de Ação Contínua – “PEAC Periférico, trabalhos emergentes no território do Quilombo Mesquita - Tecnologia Social pela preservação comunitária dos recursos hídricos contra o racismo ambiental” que teve duração de 2 anos, 2021/2022, integrado ao Projeto de Iniciação Científica, Tecnológica e Inovação – Edital PIBITI 2021/2022. Analisou-se a preservação comunitária ambiental e dos recursos hídricos dentro do território do Quilombo Mesquita por meio de memória afetiva da comunidade com a cartografia social. Foram desenvolvidas ações de pesquisa e extensão, que incluiu os pesquisadores quilombolas do grupo no mapeamento da preservação comunitária ambiental e dos recursos hídricos junto com a comunidade, o modo de vida, do Bem Viver Quilombola, integrando o uso e ocupação do solo e, conseqüentemente, gestão dos recursos ambientais das áreas onde ainda persiste a ocupação quilombola em contraponto às ocupações não-quilombolas dentro do mesmo território delimitado pelo INCRA em 2011. Neste projeto de pesquisa e extensão foi desenvolvido Calendário 2022 “A Natureza e Cultura Quilombola”, em cada mês deste ano um tópico que se relaciona com o Bem Viver na comunidade, abrangendo também o Racismo Ambiental e a luta comunitária na preservação de seus recursos e sua identidade.

O projeto recebeu o prêmio Darcy Ribeiro da UnB em 2022 na categoria Tecnologia Social e Inovação, que foi recebido por membros da comunidade na cerimônia de premiação e, posteriormente, apresentado para toda a comunidade no Encontro de Ciência e Saberes no Quilombo Mesquita, que ocorreu em 17 de dezembro de 2022.

Neste artigo, além da revisão bibliográfica sobre o marco teórico do Bem Viver para compreensão dos parâmetros observados, adotou-se a metodologia de observação participante, enquanto vivência dos pesquisadores quilombolas do Grupo Periférico, moradores do território do Quilombo Mesquita, com participação direta e envolvimento comunitário no modo de vida coletivo vivenciado na comunidade através de sua família há gerações na comunidade.

Para alcançar a técnica de investigação do observador participante, que consiste num contato frequente e prolongado com os atores do contexto social, foi selecionado o discente da UnB, Walisson Braga do Quilombo Mesquita, que cursa Artes Visuais, com o intuito de registrar os momentos culturais e tradições da comunidade com a finalidade de uma investigação mais aprofundada e detalhada dos afetos do quilombo com a relação do território. A estudante graduada em Agronomia pela Universidade de Brasília e quilombola Danusa Lisboa, bolsista social do curso Reabilita do PPG-FAU/UnB, atuou na pesquisa sobre o Bem Viver em Comunidades Quilombolas para gerar parâmetro de aplicação no questionário durante a pandemia. Os dois membros da comunidade tornaram-se uma peça de facilitação da pesquisa e dos entrevistados, tendo em vista sua aproximação da própria realidade.

Devido ao contexto pandêmico, as entrevistas semiestruturadas foram aplicadas de maneira on-line a fim de preservar e resguardar todos os envolvidos no processo e dirimir os riscos e exposição à Covid-19. Foi elaborado um questionário através do Google Forms em que 40 entrevistados, moradores e quilombolas do Mesquita, responderam às perguntas sobre o modo de vida e tradições presentes nesta vivência.

Para compreender o território do Quilombo Mesquita, foi desenvolvida a caracterização do local, o levantamento do seu histórico de constituição e entrevistas semiestruturadas, com o intuito de compreender o sentido dado pelos quilombolas para as práticas de autoconsumo, comercialização e nas manifestações culturais festivas e religiosas.

2. O Bem Viver nas comunidades quilombolas e a contradição da marginalização do poder hegemônico

Comunidades quilombolas são territórios onde a população negra se instalou no período colonial do país quando fugiam das mazelas do processo escravocrata que foi estabelecido no Brasil. Nos dicionários brasileiros existe a definição de quilombo “como local de negros fugitivos” (CUNHA, 2010). Porém segundo a Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras e Rurais- CONAQ – o termo quilombo é uma palavra originária do idioma africano quimbunco, que significa: sociedade formada por jovens guerreiros que pertenciam a grupo étnicos desenraizados de suas comunidades (CONAQ, 2010). As comunidades quilombolas eram territórios esquecidos e somente na constituição de 1988 que seus direitos começaram a ser reconhecidos.

E um dos direitos que os quilombolas mais aguardam é o direito da terra, direito de ter sua moradia reconhecida e demarcada, pois somente através desse direito reconhecido poderão viver bem. O direito de viver bem está baseado no saber e no ter, porém para o povo quilombola é mais importante ser do que ter e, por isso, o ser coletivo tem mais valor, ser filho da terra, ser filho da natureza, ou seja, estar ligado com a mãe terra. O Bem Viver vincula o viver bem com o desenvolvimento sustentável e, portanto, nas comunidades quilombolas pode-

mos estabelecer esta relação em função de sua identidade étnica, costumes, cultura e relação com os territórios ocupados.

No Brasil, os remanescentes de antigos quilombos, “mocambos”, “comunidades negras rurais”, “quilombos contemporâneos”, “comunidades quilombola” ou “terras de preto” referem-se a um mesmo patrimônio territorial e cultural inestimável e em grande parte desconhecido pelo Estado, pelas autoridades e pelos órgãos oficiais. Muitas dessas comunidades mantêm ainda tradições que seus antepassados trouxeram da África, como a agricultura, a medicina, a religião, a mineração, as técnicas de arquitetura e construção, o artesanato, os dialetos, a culinária, a relação comunitária de uso da terra, dentre outras formas de expressão cultural e tecnológica. (ANJOS, 2003, p. 04).

Os povos quilombolas, em sua maioria estabelecidos em zonas rurais, são definidos como comunidades tradicionais brasileiras de acordo com o Decreto nº 6.040 de 7 de fevereiro de 2007 que institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais. De acordo com a definição estabelecida, tais comunidades são definidas por possuírem “formas próprias de organização social, onde ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição” (BRASIL, 2007).

De acordo com Anjos (2013), esta relação estabelecida entre os povos quilombolas e suas tradições compõem uma cosmovisão africana que rompe com os conceitos hegemônicos buscando alternativas de desenvolvimento que se alinhem com as ideias do Bem Viver, como o conceito de Bem Viver enquanto filosofia de vida, como o estabelecido por Acosta (2016).

As comunidades quilombolas, em termos identitários, se baseiam em uma identidade cultural própria e na territorialidade: a relação estreita com a terra forma a base da relação com o mundo, sendo a terra o lugar da identidade e manutenção da vida coletiva, da produção do comum.

Na visão de Alcantara e Sampaio (2017, p. 236), o Bem Viver está relacionado à identidade cultural que emerge de uma “relação profunda com o lugar onde se habita, no qual surgem modos de vida, expressões, como arte, dança, música, vestimenta”, etc. Esta identidade sugere historicidade, “viver o tempo presente a partir de uma memória, de uma ancestralidade, que projeta uma perspectiva de futuro possível de ser vivido”. Portanto, a relação dos povos de quilombo com a ancestralidade e suas tradições, buscando a manutenção deste modo de vida e saberes, a transição entre gerações desses modos de fazer rompem com o modelo de desenvolvimento vigente. Numa relação com o território que engloba todos os aspectos de suas vivências, podemos traçar um paralelo entre essa vivência e relação com o mundo com os conceitos do Bem Viver.

As comunidades quilombolas, em função de sua identidade étnica, costumes, cultura e relação com os territórios ocupados, são populações tradicionais autodeterminadas, devendo-se aplicar os ditames da Convenção nº 169 da OIT. Portanto, a concepção de “Bem Viver”, própria às comunidades tradicionais do Sul Global, assegurada nas Constituições Federais do Equador e da Bolívia, defendem a garantia do modo de viver dos povos tradicionais e equipara os conhecimentos, ciência e tecnologias ancestrais aos europeus.

3. O Conceito do Bem Viver

Alguns autores identificam o Bem Viver como uma mudança civilizatória, ou de acordo com as especificidades territoriais locais, ou o resultado de uma construção participativa, ou estratégias políticas que tornam o Bem Viver uma realidade. De acordo com Cubillo-Guevara, Hidalgo-Capitán e García-Álvarez (2016), há pelo menos três correntes de pensamento sobre o Bem Viver, (1) o indigenista da cosmovisão andina (culturalista), que inclui a dimensão espiritual (identidade e espiritualidade), (2) o socialista (ecomarxista) da gestão pública (estatismo e equidade), ou socialismo comunitário que busca a equidade em sintonia com a natureza, um desenvolvimento alternativo ao neoliberalismo/capitalismo (revolução cidadã, revolução bolivariana), resistência à globalização e (3) o pós-desenvolvimentista, mais ecologista, da preservação da natureza, com aportes de diferentes movimentos sociais (sustentabilidade e localismo), uma utopia a construir.

Segundo Marx (2019), as correntes ideológicas tendem a definir o *buen vivir* relacionando-o com ideais de harmonia com a natureza, reivindicação dos princípios e valores dos povos marginalizados, democracia, e o papel do Estado como responsável por garantir a justiça social e necessidades básicas (educação, trabalho, saúde, alimentação, água, habitat, etc.) bem como um ambiente saudável.



Imagem 2.



Imagem 3.

A literatura sobre o conceito do Bem Viver começou a dar seus passos nos países andinos, mais precisamente na Bolívia e no Equador, esses países se viram na obrigação de reconstruir suas estruturas institucionais, visando à inclusão e diversidade de todos os povos. O conceito de Bem Viver tem ligação direta com a coletividade, a construção de uma sociedade socialmente correta e justa para todos. Sociedades que apresentam um papel de resistência e construção coletiva. (SEGATO, 2012).

O conceito de Bem Viver faz parte da Constituição Equatoriana e visa o bem estar de toda população e reconhece o direito de que toda população deve viver em um ambiente saudável e ecologicamente correto. Sendo assim:

Art. 14.- É reconhecido o direito da população de viver em um meio ambiente saudável e ecologicamente correto, equilibrado, que garanta sustentabilidade e bem viver, *sumak kawsay*. A preservação do meio ambiente, a conservação dos ecossistemas, a biodiversidade e a integridade do patrimônio genético do país, a prevenção de danos ambientais e a recuperação de espaços naturais degradados (Ecuador, s.d.).

No Bem Viver existe uma identidade cultural que demonstra a relação em que se habita o modo de vida, a cultura, as festividades, etc. Isso nos remete à história deste ambiente e tudo que foi aprendido com o passar dos anos, ou seja, um lugar de memória, a ancestralidade que vai passando para as gerações futuras. (MAMANI, 2010). Para Acosta (2016) e De La Quadra (2015), o Bem Viver nos faz pensar na realidade em que vivemos buscando um ambiente mais harmônico, em conjunto com a natureza e com os seres vivos.

De acordo com Quijano (2013), o conceito do Bem Viver se contrapõe à colonialidade, à estrutura global de poder hegemônica que se sustenta em modos de exploração e de dominação, acumulação de capital e expropriação. Partindo de uma perspectiva decolonial, a abordagem do Bem Viver contraria uma visão individualista buscando um sentido comunitário no modo de vida pensando na preservação e conservação do seu habitat, buscando estratégias e alternativas que rompam com o conceito de vida estabelecido na colonialidade e no modo de exploração que marginaliza e subalterniza uma grande parcela da população.

E ao tratar de marginalização e população que sofre com as agruras do processo de desenvolvimento hegemônico, dentre os quilombolas, segundo os dados do CadÚnico (2013), 74,32% vivem em situação de extrema pobreza e mais de 90% desta população se declara negra. Portanto, ao tratar esta parcela populacional que compreende os quilombolas, está se tratando de uma discussão que compreende uma pauta racial e povos que estão em situação de vulnerabilidade social.

As comunidades quilombolas, principalmente as inseridas em território rurais, estabelecem uma inter-relação com a terra baseada em pertencimento, resistência e subsistên-

cia, onde o estreitamento desta relação traz ideais de preservação, conservação e sustentabilidade. O equilíbrio entre o habitat, meio ambiente e a vivência aproxima esta coletividade do conceito de Bem Viver, as tradições quilombolas e seus princípios podem ser vistos como uma alternativa de desenvolvimento.

Segundo Alcântara e Sampaio (2017), o modelo atual de desenvolvimento se utiliza de uma visão utilitarista e instrumental da natureza, baseando-se na acumulação e no aproveitamento enquanto bem material. O equilíbrio entre indivíduo, habitat e modo de viver definem os parâmetros possíveis dentro desta alternativa de vivência que busca o Bem Viver, através da relação próxima com a terra se buscará a preservação do meio ambiental devido ao caráter sustentável e de desenvolvimento que está atrelado a ele.

Pode-se dizer que algumas estratégias para o desenvolvimento social como economia solidária, soberania alimentar, turismo alternativo comunitário, coadunam com os princípios do Bem Viver, enquanto movimentos alternativos ao desenvolvimento. Gudynas e Acosta (2011) apontam que a sociedade está em constante transformação, seja ela política, econômica ou em relação ao meio ambiente e, sendo assim, é possível avançar em novas ferramentas que vão auxiliar na construção democrática da sociedade. E nas comunidades tradicionais não acontece de maneira diferente ocorre uma mistura do tradicional com o tecnológico e assim vão criando sua maneira própria de viver e conviver.

Segundo a constituição do Equador, “o bem viver requererá que as pessoas, comunidades, povos e nacionalidades gozem efetivamente de seus direitos, e exerçam responsabilidades no marco da interculturalidade, do respeito às suas diversidades, e da convivência harmônica com a natureza”. E levando este pensamento para o âmbito da comunidade Quilombola de Mesquita (**Ver Quadro 1**), por mais que vivam em um ambiente harmonioso, ainda é preciso avançar no acesso às políticas públicas na direção do Bem Viver e necessitam de maior precisão no que diz respeito a direitos políticos, coletivos, ambientais e de liberdade de expressão no ato de ser uma comunidade remanescente quilombola.

Quadro 1: Parâmetros e Princípios do Bem Viver.

Parâmetros e Princípios do Bem Viver	Descrição
Liberdade	Toda sociedade tem direito de agir por si, autoindependência e autonomia, ou seja, implicando o estabelecimento de um amplo âmbito de direitos civis, políticos e sociais. O crescimento da liberdade é concebido como uma conquista da cidadania.

Quadro 1: *Continuação.*

Parâmetros e Princípios do Bem Viver	Descrição
Boa Saúde	A saúde é reconhecida como o maior recurso para o desenvolvimento social, econômico e pessoal, assim como uma das mais importantes dimensões da qualidade de vida.
Sustentabilidade	É um conjunto de medidas estratégicas e práticas que sejam ecologicamente corretas, economicamente viáveis, socialmente justas e culturalmente diversas.
Equidade	É considerada uma justiça social, com tratamento imparcial em diferentes grupos sociais e levando em consideração o entendimento das necessidades sociais, culturais, econômicas, políticas e espirituais de toda sociedade.
Segurança	A segurança pode ser dividida em: segurança econômica, alimentar, sanitária, ambiental, pessoal, comunitária e política. Cada tipo de segurança representa algo diferente para cada um de nós, pois cada um pode ter uma percepção diferente e com isso cada um atribui um valor adequado para aquilo que melhor lhe agrada.

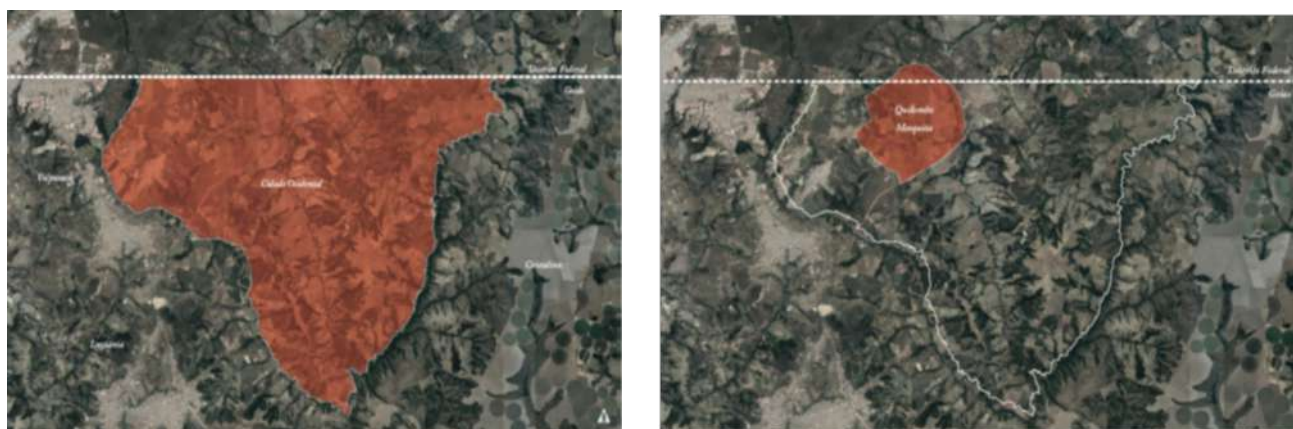
Fonte: Elementos para a busca do bem viver (sumak kawsay) para todos e sempre – Conselho Indigenista Missionário.

4. Contextualização da pesquisa e caracterização do Quilombo Mesquita

O Quilombo Mesquita é uma comunidade remanescente quilombola com mais de 273 anos de idade, teve sua origem através da doação de uma fazenda para três escravizadas libertas e a partir delas deu-se início a comunidade. A região a princípio fazia parte do município de Luziânia – GO, mas hoje faz parte do município de Cidade Ocidental – GO, e ainda carrega suas características de comunidade rural, mesmo com a chegada da tecnologia, luz elétrica, transporte público e tantas outras benfeitorias.

E em contraposição ao modo de vida preconizado pela população quilombola, o seu território tem sido fragmentado e tomado por exploração agropecuária e especulação imobiliária. Sendo assim, os quilombolas têm visto as suas terras tomadas por monocultura extensiva de soja e por condomínios.

Figura 01 e 02: Localização do Quilombo Mesquita.



Fonte: Paulino (2017a).

E em contraposição ao modo de vida preconizado pela população quilombola, o seu território tem sido fragmentado e tomado por exploração agropecuária e especulação imobiliária. Sendo assim, os quilombolas têm visto as suas terras tomadas por monocultura extensiva de soja e por condomínios.

De acordo com o Relatório Técnico de Identificação e Delimitação do INCRA (2011), no começo da metade do século XX o território compreendia mais de 10 vezes maior que o ocupado atualmente. Com o processo de construção da cidade de Brasília a partir da década de 1950 e, conseqüentemente, o crescimento das cidades satélites, o território da comunidade sofreu com estas mudanças. A exemplo disso, houve, nos últimos anos, a especulação imobiliária na capital do país com o novo estilo de morar contemporâneo em condomínios horizontais ou bairros isolados, como o “Alphaville Brasília Residencial”. O zoneamento do Plano Diretor da Cidade Ocidental considera a região como Macrozona Urbana III com regiões que permitem residências multifamiliares de prédio de apartamentos e poderá descaracterizar totalmente o território afrorrural, além de inviabilizar a manutenção da população quilombola com altas taxas de pagamentos de IPTUs.

Na visão de Aguiar (2015, p.11), esse intenso processo de especulação imobiliária tem ocorrido por diversos fatores, dentre eles se destaca: a presença de um quilombo rural entre dois núcleos urbanos de Cidade Ocidental; e a comunicação viária através da rodovia DF-140/GO-521 (área urbana de Cidade Ocidental, corta o Mesquita para dar acesso às regiões administrativas de Brasília – Santa Maria e São Sebastião –, ocupadas basicamente por condomínios horizontais de classe média).

A história do Quilombo Mesquita está diretamente ligada à de Luziânia, município fundado pelo bandeirante Antônio Bueno de Azevedo e sua tropa, que percorreriam a região de Goiás à procura de ouro. A comunidade já foi denominada por vários nomes, entre eles Fazem-

da Mesquita, Sítio do Mesquita e Tapera do Mesquita (LUZIÂNIA, 1943). Também foi chamado de Arraial dos Pretos (CARVALHO, 1975) e Mesquita dos Crioulos (FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES, 2000). A comunidade ficou denominada como Povoado Mesquita e após a certificação da comunidade pela Fundação Palmares, que aconteceu no ano de 2006, passou a se chamar Quilombo Mesquita. Atualmente a comunidade possui cerca de 3.000 pessoas distribuídas em 4,2 mil hectares.

Em meados da década de 70 começaram os processos de grilagem de terras na comunidade e a especulação imobiliária desenfreada começou a fazer parte da comunidade. Muitas vendas aconteceram de formas totalmente ilegais e de formas desumanas. Muitos moradores foram enganados. Há relatos, por exemplo, que pessoas venderam grandes extensões de terra a troco de ternos, vendas em troca de mantimentos, sapatos e espingardas.



Imagem 4.

A garantia do território veio com o reconhecimento da Fundação Cultural Palmares e os moradores da comunidade passaram a buscar seus direitos de posse da terra como quilombolas, mas ainda hoje lutam pela demarcação do território que não aconteceu mesmo depois de 15 anos. O Quilombo Mesquita tem a luta pelo território como o seu modo de vida mais espetacular, buscando assim o respeito ao seu lar, às suas tradições e à sua moradia.



Imagem 5.

Desse modo, o grande desafio da comunidade do Quilombo Mesquita é garantir a demarcação e a titulação, visando a manter o seu território original e a sua identidade, bem como recuperar as áreas ocupadas. A comunidade do Quilombo Mesquita teve seu Relatório Técnico de Identificação e Delimitação (RTID) publicado em Diário Oficial em 2011. Define-se seu território em uma área com cerca 4.292 hectares, contudo, essa publicação também assinala que mais de 80% deste território se encontra ocupado por não-quilombolas, entre loteamentos urbanos e área de agricultura intensiva.

De acordo com o RTID (INCRA, 2011), a preservação e a manutenção do bioma é uma condição *sine qua non* na vivência comunitária no Mesquita, em que com base nos quantitativos da exploração da vegetação nativa e no uso do solo, em média, 50% do território que cada família ocupa corresponde a vegetação nativa do Cerrado e a outra parte significativa se concentra no uso, como a agricultura familiar.

De acordo com Lima e Querino (2011), as culturas agrícolas da ocupação quilombola do Quilombo Mesquita tratam de cultivo simples sem manejo em contraposição aos territórios ocupados por não-quilombolas, em especial, proprietários de amplas áreas com provavelmente grande utilização de insumos químicos e/ou implementos sofisticados. O uso maciço de tecnologia mecânica e insumos agrícolas sintéticos aliados ao processo de urbanização presente no território através do Jardim Edite, loteamentos Bem-Te-Vi e Nova Canaã, contribuíram para uma alteração significativa na paisagem natural.

Portanto, torna-se importante verificar e demonstrar como os princípios e parâmetros do Bem Viver podem ser identificados no Quilombo Mesquita para contribuir na luta pela demarca-

cação e titulação do território.

Antes de apresentar os resultados da pesquisa sobre princípios e parâmetros do Bem Viver é importante contextualizar os resultados do Projeto de Extensão de Ação Contínua – “PEAC Periférico, trabalhos emergentes no território do Quilombo Mesquita - Tecnologia Social pela preservação comunitária dos recursos hídricos contra o racismo ambiental”

No processo metodológico foi utilizada a técnica de cartografia social integrada ao autodiagnóstico do Diagnóstico Rural Participativo - ferramenta de autodeterminação sobre o estado dos recursos naturais e aspectos ambientais de uma comunidade (os problemas e as oportunidades). Este levantamento com a autodenominação das regiões será útil para gerar um futuro endereçamento no território.

Foi utilizada a caracterização dos 83 núcleos familiares presentes no Levantamento das Propriedades do Quilombolas – Uso das Terras (Planilhas de N° 1A a 17A) parte integrante do RTID (INCRA, 2011) para o levantamento de dados do coletivo e das pessoas (individualmente) sobre impressões, sentimentos, histórias e etc. Segundo o autodiagnóstico e relatos, a área ocupada pelos quilombolas foram divididas em 5 regiões denominadas por eles: Saltador, Furquia, Rabeira, Cascalheira e Atoleiro.

A pesquisa foi realizada através de formulário do *Google Forms*, o qual ficou aberto para respostas durante o período de dois meses. A divulgação da pesquisa¹ foi realizada pelos pesquisadores quilombolas Danusa Lisboa e Wallisson Braga, a fim de obter as respostas para o questionário. Esse questionário de autodiagnóstico foi desenvolvido com base nos parâmetros e princípios do Bem Viver, tais como: liberdade, boa saúde, sustentabilidade, equidade e segurança. O formulário coletou respostas de 40 pessoas, sendo 45% dos participantes residentes no Furquia; 37,5% residentes na Rabeira e 17,5 no Atoleiro.

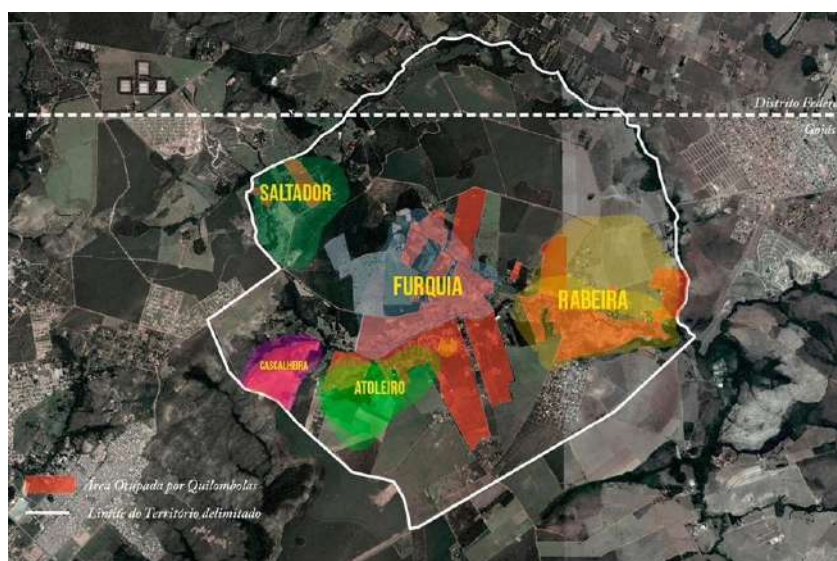


Imagem 6.

¹ Esta pesquisa se insere na pesquisa maior de PIBITI, coordenada pela professora Liza Souza de Andrade e a mestranda Mariane da Silva Paulino intitulada Racismo Ambiental.

Os resultados do questionário autodiagnóstico mostraram que a comunidade preza pela preservação do meio ambiente, vive em núcleos familiares (52,5% das famílias tem 5 ou mais moradias) e suas tradições e modo de vida estão alinhados com os princípios de sustentabilidade (75% ainda mantém a mata nativa, 97,5% preservam ao redor e 47,5% tem água dos canais e córregos na propriedade). 80% ainda mantém a tradição de plantio/produção, 85% acham que os córregos e canais de água estão ameaçados e 94,9% acham que a vegetação nativa está ameaçada. A comunidade se identifica com os Festejos: Festa do Marmelo; Folias; Missas tradicionais; Cavalgadas; Danças (catira/raposa); Festa do N'golo.

Com a visão de observação participante e com os resultados da pesquisa realizada através da aplicação do questionário, foi possível observar, portanto, a aproximação da comunidade quilombola do Mesquita dos princípios do Bem Viver, principalmente, quando se trata da sua proximidade com a terra e a sua subsistência a partir dela.



Imagem 7.

Neste projeto foi utilizada o método da cartografia social e afetiva que é utilizada com a participação da comunidade no processo de produção de mapas georreferenciados para contemplar as representações dos indivíduos e permitir um melhor entendimento das múltiplas realidades que existem dentro de uma comunidade.

Em paralelo, foram realizadas duas pesquisas sobre análise temporal da mudança da vegetação e análise morfométrica das microbacias. A primeira analisou os mapas de uso e cobertura do solo e do Índice de Vegetação da Diferença Normalizada (NDVI) dos anos de 1985, 1999 e 2011 (valores mínimos de máximos), com base na Coleção 5.0 do *MapBiomas* e imagens do satélite *Landsat 5TM*. Essa análise comparou as áreas de ocupação quilombola e

de invasão não quilombola, identificando os padrões de ocupação e as áreas de desmatamento para produção agrícola e formações vegetais naturais. Foi possível observar que, embora desde 1985 os índices de vegetação saudável tenham aumentado, os valores negativos tiveram uma elevação ainda mais significativa.

A análise morfométrica como um arranjo de análises que caracterizam parâmetros geométricos permitiu classificar o potencial de poluição difusa (em baixo, médio e alto) a fim de gerar comparações entre os tipos de ocupação quilombola e não quilombola. A delimitação das microbacias resultou em 3 microbacias: a do Ribeirão Mesquita com 24.299.790m², a do Ribeirão Santana com 15.941.632m² e a do Ribeirão Saia Velha com 2.673.132m² de áreas totais. Analisando-se apenas o percentual das áreas onde existem as ocupações do Quilombo, obteve-se 42% de superfícies com baixa impermeabilidade, 35% com média e apenas 23% com alta, demonstrando uma melhor utilização da terra por parte do povo quilombola em relação às existentes invasões no território. Foram realizadas também um aerolevanteamento com um drone junto com a comunidade, objetivando registrar as discrepâncias entre os tipos de ocupações no território.

Portanto, mesmo sem a identificação de princípios e parâmetros do Bem Viver, pode-se afirmar que com o aumento das invasões no território quilombola, houve também um prejuízo ambiental.

5. Princípios e parâmetros da comunidade do Bem Viver no Quilombo Mesquita

O bem viver tem como objetivo construir uma sociedade mais igualitária e justa usando as políticas sociais para que então possam garantir os direitos fundamentais de todos os cidadãos. Propondo, assim, que os recursos de educação, saúde e pesquisa sejam amplamente direcionadas para os cidadãos menos favorecidos. Também é de suma importância priorizar a democratização do acesso à água, à terra, ao crédito e ao conhecimento. Os princípios do bem viver podem ser destacados como: saber comer, saber beber, saber dançar, saber dormir, saber trabalhar, saber meditar, saber pensar, saber amar e ser amado, saber escutar, falar bem, saber sonhar, saber caminhar e saber dar e receber.

Os moradores do Quilombo Mesquita construíram uma maneira de viver e conviver em sociedade e possuem características bem peculiares na forma de habitar, de distribuição de território, das tradições, das festas, da culinária, do trabalho, da produção agrícola e da forma de enxergar o mundo. As famílias se dividem em um mesmo terreno, no qual existe a casa principal, que é dos pais. Os filhos, por sua vez, vão construindo suas casas ao redor da casa de seus pais. A alimentação das famílias no Quilombo Mesquita se deu pela produção agrícola e foi, durante anos, a única fonte de subsistência. Hoje esse cenário mudou. Existem grandes produtores que plantam seus alimentos diários e vendem a produção que sobra para mercados fora da comunidade e para outros moradores que não fazem o plantio.



Imagem 8.

Quanto às festas, elas são um dos momentos mais aguardados pelos moradores da comunidade, visto que são momentos de confraternização e união na comunidade. Existem vários tipos de comemorações, sendo as principais a Festa do Marmelo, as folias em honra e devoção às divindades católicas, a festa do Divino Espírito Santo que ocorre em maio e a festa de Nossa Senhora da Abadia que acontece em agosto. Todas com mais de 60 anos de tradição. Nessas festas as doações são bem grandes, sendo elas de quantias em dinheiro, alimentos ou trabalho gratuito, tudo feito com prazer pelas pessoas da comunidade. E se uma pessoa não puder comparecer, um membro da família que seja irá para poder representar essa pessoa que não pôde ir. Trata-se, pois, de um momento único da comunidade.

De acordo com Paulino et al. (2019), nos resultados da pesquisa etnográfica apresentados no Calendário 2020, a festa do Marmelo ocorre geralmente em janeiro. Ela foi criada com o intuito de reformar a igreja da comunidade, mas tomou uma proporção maior e foi integrada aos festejos anuais da comunidade, mantendo sempre os objetivos de arrecadar recursos para a construção das necessidades coletivas vinculadas à paróquia local como, por exemplo, a construção do Santuário de Nossa Senhora D'Abadia. Em janeiro também ocorre a Folia de Reis, que está na sua quarta edição. Essa comemoração é um resgate que vem acontecendo na comunidade. São feitas visitas noturnas por toda comunidade e ao final da festa ocorre a desalvorada e é oferecido um almoço no Santuário de Nossa Senhora D' Abadia.

Outra festa que acontece no mês de janeiro é a Folia de São Sebastião que deixou de a-

contecer por muitos anos e teve seu retorno no ano de 2019. O objetivo da folia é abençoar as casas do Quilombo. Ao final de toda caminhada acontece um pouso de folia e é servido um jantar geralmente com as comidas típicas da comunidade. Esse jantar é preparado pela família e por membros da comunidade que vão ajudar na preparação das comidas que serão servidas gratuitamente aos foliões e à comunidade. O pouso é esperado pelas famílias com grande alegria, pois é um momento em que se agradece ou se pede graças à divindade da bandeira. São oferecidas três refeições no pouso, a saber: o jantar, o café da manhã e o almoço respectivamente.

No mês de junho acontecem as tradicionais fogueiras de Santo Antônio, São João e São Pedro. As fogueiras acontecem em várias casas da comunidade e são regadas a muitas comidas típicas da comunidade. No mês de julho acontece a Festa N'Golo que visa resgatar as raízes ancestrais angolana. Na primeira edição, foi batizada a bebida à base de quiabo da angola. Já no mês de agosto ocorre a tradicional Festa de Nossa Senhora D'Abadia, a qual ocorre nos mesmos moldes que todas as folias, porém essa comemoração tem uma proporção maior. Também acontece a novena de Nossa Senhora D'Abadia que é uma reza da ladainha de Nossa Senhora e, ao final é servido um lanche aos participantes. No mês de outubro acontece a Folia de Nossa Senhora Aparecida, a qual encerra os festejos de folias na comunidade (PAULINO et al, 2019).

As comidas típicas da comunidade são outro ponto bastante importante e em todas as famílias existe alguém que tem o prazer de cozinhar nas festas tradicionais e possui receitas que são passadas de geração para geração.

A culinária na comunidade é rica em comidas doces e salgadas. Tudo dentro da comunidade está ligado às festas que, por sua vez, estão ligadas às comidas típicas, as quais estão ligadas à agricultura e pecuária da comunidade. Nos pousos de folia as comidas mais encontradas são: o quibebe (carne de boi com mandioca), frango caipira, gueiroba (espécie de coco que possui uma raiz amarga), angu (feito de milho verde), mamão verde com carne de porco e o feijão tropeiro. Os doces também possuem grande importância, sendo eles: o doce de leite, o doce de goiaba, o doce de marmelo e a rapadura. Esses doces por terem muito prestígio fazem com que os produtores consigam obter uma renda com a venda de produtos.

Os biscoitos de queijo que são servidos nas festas também fazem parte da culinária tradicional da comunidade. Os biscoitos são famosos na região e têm um sabor incomparável, sendo ele servido no café da manhã e nos lanches. A distância dos centros incentivou sua produção e, por isso, em todas as casas possui um familiar que sabe como fazer os biscoitos (PAULINO et al, 2019).

A produção ainda utiliza algumas técnicas rudimentares que diminui a produção, porém existem alguns produtores que têm buscado maneiras de melhorar o manejo da produção. Como, por exemplo, a aplicação de insumos que diminui o processo de capina e outras técnicas importantes. Os produtores de hortaliças utilizam bastantes técnicas agrícolas em sua produção,

porém, ainda acontecem perdas significativas por falta de manejo adequado e falta de um calendário de produção. Esses produtores foram os primeiros a investirem em uma nova produção e vem resgatando cada dia mais a produção orgânica. Essa, por sua vez, tem venda certa nas feiras livres, entregas programadas e vendas as margens da rodovia GO-521.

Os produtores de frutíferas ainda são bem resistentes às novas técnicas de produção orgânica e ainda fazem a utilização de agroquímicos. O marmelo é cultivado de modo rústico com o uso apenas da calda bordalesa como defensivo e a poda de frutificação. Conforme relatado anteriormente, o marmelo possui grande importância na comunidade e a época da colheita é celebrada com alegria. A mexerica ponkam é produzida em grande escala por muitos produtores, sendo também encontrados pequenos pomares da fruta quase que em todas as residências da comunidade. A cana-de-açúcar foi amplamente disseminada na comunidade, mas foram deixadas de lado e hoje poucos produtores ainda a cultivam. Com isso, a produção de rapadura e melado diminuíram bastante.

A mandioca também possui grande expressividade na comunidade, existindo grandes plantios. Atualmente nota-se que os produtores começaram a processar a mandioca, sendo que antes ela era apenas vendida nas feiras. Hoje fazem entregas das raízes descascadas e embaladas a vácuo. A farinha também é feita na comunidade de modo rústico e possui grande apresso. Os produtos que são cultivados no Quilombo Mesquita são frutos da tradição que perpetua por anos. Por isso, é importante que essa agricultura se mantenha e alcance outras comunidades de modo a fortalecer a agricultura de subsistência (PAULINO et al, 2019).

Ainda vale ressaltar que existem os curandeiros e benzedores dentro da comunidade que fazem raizadas para tratamentos de doentes. As plantas medicinais foram por muito tempo o único recurso da comunidade, visto que o quilombo se localiza numa região distante dos centros urbanos. Então, os casos mais simples eram tratados em casa e os casos mais graves eram levados para Luziânia ou para Brasília. Hoje, poucas pessoas ainda fazem as raizadas curativas na comunidade. Mas ainda ocorre uma boa procura pela bebida milagrosa. Tem também um preconceito com as raizadas por elas estarem ligadas às religiões de matrizes africanas. As plantas medicinais simples são encontradas em todos os quintais. São plantas que curam gripes, resfriados, febres, dores de cabeça e dor de barriga, sendo facilmente encontradas. É difícil não conversar com alguém que não saiba uma receitinha caseira para curar algum desses males (PAULINO et al, 2019).

Aos poucos a comunidade foi construindo suas características básicas e um modo de vida típico da região, em que o membro mais velho da família deve ser respeitado e sempre deve ser ouvido, pois é ele quem passa os ensinamentos para as novas gerações. Existe uma admiração das pessoas pela comunidade e essas se reúnem sempre que podem para comemorar o nascimento de uma criança, sendo a coletividade percebida como uma conquista muito grande.

Outra característica percebida no Quilombo Mesquita são os lugares de memória, como

o casarão de Aleixo Pereira Braga que é considerado um marco histórico, um símbolo de resistência e referência para os moradores do Quilombo Mesquita. Localizado na área central da comunidade, é de fácil acesso e próximo à Igreja de Nossa Senhora da Abadia. O casarão traz consigo marcas do passado e histórias fundamentais para a preservação da memória local. Considerado uns dos mais antigos, o casarão centenário é uma casa térrea, possui vedações em adobe, estrutura em madeira, assoalhos de tábuas corridas, telhado colonial com estrutura de madeira (cobertura mais comum para o período). As esquadrias, janela e portas simples de apenas uma folha são de madeira aroeira, recursos e matéria-prima que foram retirados do próprio local (PAULINO et al, 2019).

O casarão, quando ainda se encontrava em uso, era um dos principais pontos de encontro comunitário. As portas se encontravam sempre abertas para os demais moradores do quilombo e para todos aqueles envolvidos no desenvolvimento do local. D. Elpídia Braga, filha de Sr. Aleixo, conta também que além das aulas que aconteciam no casarão, o local também era ponto de pouso dos padres e missionários que ficavam hospedados por meses para organização e preparação dos casamentos comunitários e batizados. Aconteciam também os mutirões de fiadeira pelo menos uma vez por mês, mutirões para o feitiço de farinha, rapadura e a famosa marmelada, eventos que ocorriam no quintal do casarão. No local ainda existe o antigo forno de barro que é utilizado para assar biscoitos, bolos, entre outros. Havia também engenhos de cana de açúcar e monjolos. O casarão era referência para todos da comunidade, sendo um lugar que sempre recebia visitas.

A antiga Capela de Nossa Senhora da Abadia foi construída pelos membros da comunidade quilombola na década de 1960, em terreno doado por Sr. Aleixo Pereira Braga, e que por muito anos esteve em desuso, servindo de depósito, desde agosto de 2013. Transformou-se em “Espaço Memória” pela iniciativa de Célia Pereira Braga, quilombola e moradora do Quilombo Mesquita. Célia contou com o apoio da comunidade e da antiga coordenação da Igreja Nossa Senhora da Abadia para a nova finalidade do local. O espaço memória não possui fins lucrativos e recebe visitas de escolas, pesquisadores, moradores da comunidade e pessoas que possuem interesse em conhecer mais sobre a história e a cultura do quilombo através dos artefatos ancestrais. Os objetos que compõem o acervo foram coletados entre as próprias famílias da comunidade, os quais são dispositivos que marcaram a cultura e o modo de vida de seus antepassados, incluindo utensílios domésticos, fotografias, tachos de cobre utilizados na produção do marmelo, artesanatos, entre outros, sendo essenciais para manter viva a memória, história e cultura local (PAULINO et al, 2019).

No entanto, mesmo com tanta riqueza o Quilombo Mesquita sofre com o descaso e a falta de políticas sociais voltadas para as comunidades tradicionais. A falta de demarcação é o maior problema enfrentado pelos moradores, pois a todo o momento eles sofrem ameaças e problemas judiciais movidos por grileiros que se instalaram na comunidade. A falta de apoio político também é muito grande. O desenvolvimento da comunidade só é possível graças a co-

atividade de seus moradores e pelos parceiros que querem preservar e lutar pela comunidade e pela tradição.

Quadro 2: Princípios e Parâmetros do Bem Viver.

Parâmetros e Princípios	O Bem Viver no Quilombo Mesquita
Território	Os moradores do Quilombo Mesquita que se declaram quilombolas apresentam um sentimento de orgulho pelo território quilombola, pois é uma forma de demonstrar que são filhos dessa terra. Terra onde nasceram, cresceram e construíram suas famílias, os quais no fim da vida são enterrados neste solo sagrado.
Convívio familiar	As moradias do Quilombo Mesquita são coletivas, na qual foi constituída de uma casa central e, com o passar dos tempos, os filhos já crescidos vão construindo suas casas ao redor da casa sede. Sendo assim, o convívio entre as famílias é sempre constante, sendo um lugar também em que é respeitada a soberania do membro mais velho da família.
Tradições	A comunidade do Quilombo Mesquita tem várias tradições, dentre elas a Festa do Marmelo que é a celebração da colheita desse fruto tão importante para o desenvolvimento e crescimento da comunidade. Mas também faz parte da tradição da comunidade as Folias em homenagem aos Santos católicos. Mesmo o Quilombo Mesquita sendo uma comunidade tradicional quilombola, a religião predominante é o catolicismo e por isso as festas tradicionais possuem ligação direta com a Igreja Católica. Em todas as festas da comunidade é possível encontrar e conhecer as comidas típicas da região, sendo as receitas passadas de geração em geração.
Relação com o meio	Os povos quilombolas possuem ligação direta com o meio ambiente e no Quilombo Mesquita não é diferente. É notório que todos os moradores que nasceram na comunidade têm respeito pela fauna e flora do território e estão em constante luta para defender a preservação dos rios e nascentes da comunidade.
Problemas e falta de estrutura na comunidade	O quilombo Mesquita é uma comunidade rica de saberes, cultura, diversidade e tradições. Porém, ainda sofre muito com o descaso e a falta de políticas públicas voltadas para as comunidades tradicionais. A comunidade possui uma escola de ensino fundamental, mas não possui uma escola de nível médio. Possui um pequeno posto de saúde, mas não possui nenhum posto policial. E o maior problema é não ter nenhuma área de lazer ou ponto de encontro comunitário que possa beneficiar os moradores da comunidade.

Fonte: Elaboração própria.

6. Considerações Finais

Ao longo deste artigo ficou evidente encontrar características do bem viver no território do Quilombo Mesquita, tais como os processos sociais, a cultura, produção, alimentação e sua forma de moradia. Analisando os saberes científicos e culturais da comunidade foi demonstrado seus valores e interesses no saber e conhecer do bem viver, ainda que o conceito não seja conhecido.

O modo de vida da comunidade alinha indivíduos, meio ambiente e modo de vida, buscando uma alternativa de vida ao desenvolvimento neoliberal que cerca as terras da comunidade. As manutenções das tradições ancestrais são um modo de resistência e luta dos quilombolas, além de uma forma coletiva de vida que busca cumprir também com o papel que o Estado deveria representar para populações em situação de vulnerabilidade.

Segundo a Fundação Palmares, as comunidades quilombolas contribuem para a preservação ambiental, mesmo na região metropolitana das cidades e entorno, considerando as áreas rurais que compõem o cinturão verde do mosaico da paisagem periurbana. Portanto, espera-se com este artigo conscientizar as autoridades locais para a necessidade de reconhecer a contribuição do Quilombo Mesquita para a manutenção do cinturão verde “Afrorrural” em torno da Cidade Ocidental, bem como do Distrito Federal e a preservação dos recursos hídricos.

Referências

ACOSTA Alberto. **O Bem Viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos**. Tradução de Tadeu Breda. São Paulo: Autonomia Literária/Elefante, 2016.

AGUIAR, Vinicius Gomes de et al. Conflito territorial e ambiental no quilombo Mesquita/Cidade Ocidental: racismo ambiental na fronteira DF e Goiás. **Tese**. Doutorado. Geografia. Universidade Federal de Goiás (UFG). Goiânia, 2015. Disponível em: <<https://repositorio.bc.ufg.br/tede/bitstream/tede/7942/5/Tese%20-%20Vinicius%20Gomes%20de%20Aguiar%20-%202015.pdf>>. Acesso em 03 de ago. de 2021.

ALCANTARA, Liliane Cristine Schlemer; SAMPAIO, Carlos Alberto Cioce. Bem Viver como paradigma de desenvolvimento: utopia ou alternativa possível?. **Desenvolvimento e meio ambiente**, v. 40, 2017.

ANJOS, Rafael Sanzio Araújo dos. O Espaço Geográfico dos Remanescentes de Antigos Quilombos no Brasil. **Revista Brasileira de Extensão Universitária**. Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 52-57, jul./ dez. 2003.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. **Decreto nº 4.887, de 20 de novembro de 2003**. Regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos de que trata o art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias. Disponível em < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2003/d4887.htm>. Acesso em 03 de ago. de 2021.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. **Decreto nº 6.040, de 07 de fevereiro de 2007**. Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6040.htm>. Acesso em 03 de ago. de 2021.

BRASIL. **Fundação Cultural Palmares**. Ministério da Cultura. Relatório de Atividades. Brasília, 2000. Disponível em: < <https://www.palmares.gov.br/wp-content/uploads/2013/10/Relat%C3%B3rio-de-Gest%C3%A3o-2000.pdf>>. Acesso em 03 de ago. de 2021.

BRASIL. **Perfil de Pessoas e Famílias no Cadastro Único do Governo Federal 2013 (CadÚnico)**. Disponível em: < https://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/cadastro_unico/perfil_cadastrounico2013.pdf>. Acesso em 03 de ago. de 2021.

CARVALHO, Vladimir. **QUILOMBO**. You Tube, documentário, Brasil, 1975, 20 min. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=N-CpmMdLSeg>>. Acesso em 03 de ago. de 2019.

CONAQ(a). **Quilombo? Quem Somos Nós!**. Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas. Disponível em: <http://conaq.org.br/quem-somos/>. Acesso em 03 de agosto de 2021.

CUNHA, Antônio Geraldo da. Dicionário etimológico da língua portuguesa. 4 ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.

CUBILLO-GUEVARA, Ana Patricia; HIDALGO-CAPITÁN, Antonio Luis; GARCÍA-ÁLVAREZ, Santiago. El Buen Vivir como alternativa al desarrollo para América Latina. **Revista iberoamericana de estudios de desarrollo. Iberoamerican journal of development studies**, v. 5, n. 2, p. 30-57, 2016.

DE LA CUADRA, Fernando. **VIVIR, Buen. ¿Una auténtica alternativa post-capitalista**. Polis [En línea], v. 40, 2015.

FREITAS, Tiago Larrosa. As buscas pelo Bem Viver Quilombola: resistências, re-significações e traduções culturais identitárias no Quilombo dos Teixeiras, Mostardas/RS. 2016. 163 f. **Dissertação** (Mestrado em Sociologia) - Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Instituto de Filosofia, Sociologia e Política. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2016.

GUDYNAS, Eduardo; ACOSTA, Alberto. El buen vivir o la disolución de la idea del progreso. In: Rojas, M. (Coord.). **La medición del progreso y del bienestar: propuestas desde América Latina**. Mexico City: Foro Consultivo Científico y Tecnológico, 2011.

JUNIOR, Luiz Gonzaga Firmino; FIRMINO, Matheus Pereira. Do desenvolvimento territorial sustentável à sustentabilidade do Bem Viver territorial: A crise do desenvolvimento, a emergência do Bem Viver e o futuro da questão territorial no Nordeste do Brasil. **II Congresso Internacional da Diversidade do Semiárido**, 2017.

LIMA, Júlio Cesar Patrício; QUERINO, Rondinele Nascimento. **Relatório Ambiental da Área dos Moradores Não Quilombolas do Território Pleiteado pela População do Quilombo Mesquita**. INCRA, 2011

LISBOA, Danusa Benedita. AGRICULTURA E PISCICULTURA FAMILIAR NO POVOADO MESQUITA: UMA COMUNIDADE TRADICIONAL DESCENDENTE DE QUILOMBOLAS. Brasília :Faculdade de Agronomia e Medicina Veterinária, Universidade de Brasília,2018, 41 pág. **Monografia**. Disponível em: https://bdm.unb.br/bitstream/10483/27748/1/2020_DanusaBeneditaLisboa_tcc.pdf.. Acesso em 03 de agos. 2021.

MARX, Janaina. Buen Vivir, hábitat e a questão ambiental. **XVIII Encontro Nacional da Associação Nacional de PósGraduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional**, Natal. Anais XVIII ENANPUR, 2019.

REPÚBLICA DEL ECUADOR. **Constitución Política del Ecuador**, 2008. Disponível em: <http://www.mmrree.gob.ec/ministerio/constituciones/2008.pdf>. Acesso em 31 de set. de 2021.

MAMANI, Fernando Huanacuni. **Buen vivir/vivir bien. Filosofía, políticas, estrategias y experiencias regionales andinas**. CAOI, 2010.

MB, Neres. **Quilombo Mesquita: história, cultura e resistência**. Brasília, DF: Gráfica Conquista, 2016.

PAULINO, Mariane; ANDRADE, Liza Maria Souza. Quilombo Ocupação e Memória: a construção da territorialidade como instrumento identitário. **Arquimemória 5 – Encontro Nacional de Arquitetos sobre preservação do patrimônio edificado**, Salvador, 2017.

PAULINO, Mariane; ANDRADE, Liza Maria Souza; LISBOA, Danusa; PEREIRA, Heloisa; LOUREIRO, Vânia Raquel; LEMOS, Natália da Silva. As diversas dimensões do patrimônio cultural: patrimônio e memória social em solidariedade ao Quilombo Mesquita: produção de materiais gráficos para a divulgação da memória. In: **11º Mestres e Conselheiros: Formação para o Patrimônio**. Belo Horizonte, 2019.

PAULINO, Mariane; ANDRADE, Liza Maria Souza; SICCA, Amanda; SILVA, Cynthia; GORDILHO, Angela. A produção do comum como resistência biopotente afrorrural. **I Seminário Internacional de Urbanismo Biopolítico**. Belo Horizonte, 2017b.

QUIJANO, Aníbal. “BEM VIVER”: ENTRE O “DESENVOLVIMENTO” E A “DES/COLONIALIDADE” DO PODER. **Revista da Faculdade de Direito da UFG**, v. 37, n. 01, p. 46-57, 2013.

SEGATO, Rita; FERREIRA Carneiro, Fernando; PASSOS Nogueira, Roberto; FLORENTINO Pereira, Marcio. **Perspectivas emancipatórias sobre a saúde e o Bem Viver diante das limitações do processo de desenvolvimento brasileiro** *Saúde em Debate*, vol. 36, junho, 2012.



A **Revista de Comunicação Dialógica** (RCD) é editada pela Faculdade de Comunicação Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e está licenciada sob uma licença Creative Commons Atribuição- Não Comercial- Compartilha Igual 4.0 Não Adaptada.

Link: <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>.

Recebido em: 04/11/2022

Aprovado em: 03/02/2023